

AS TÁTICAS DO INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS DIANTE DO VAZIO  
LEXICAL: UM ESTUDO DE CASO<sup>I</sup>

*LES TACTIQUES DE L'INTERPRETE EN LANGUE DES SIGNES FACE AU VIDE  
LEXICAL : UNE ETUDE DE CAS*

*TACTICS SIGNED LANGUAGE INTERPRETERS USE WHEN FACING LEXICAL  
GAPS: A CASE STUDY*



Sophie POINTURIER-POURNIN<sup>ii</sup>  
Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, França

Daniel GILE<sup>iii</sup>  
Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, França

Traduzido por:  
Giovana Bleyer Ferreira dos SANTOS<sup>iv</sup>  
Universidade Federal de Goiás

Alexandra Almeida de OLIVEIRA<sup>v</sup>  
Universidade Federal de Goiás

Adriano MAFRA<sup>vi</sup>  
Instituto Federal Catarinense

279

**Resumo:** O léxico especializado da Língua de Sinais Francesa (LSF) é muito inferior em tamanho se comparado ao da língua francesa, o que gera, frequentemente, problemas para os intérpretes. Foram registrados quatro aulas de controle de gestão, dos quais participaram um aluno surdo, interpretado por quatro intérpretes profissionais, e as táticas dos intérpretes diante dos termos franceses que não tinham equivalentes lexicais em LSF foram identificadas, enumeradas e analisadas. Os casos de vazio lexical se revelaram numerosos. As táticas empregadas frequentemente remeteram a termos em francês, o que não está de acordo com a forte norma sociolinguística dentro da comunidade surda francesa. Essa escolha, se harmoniza com a teoria do *skopo*, pode ser explicada pelo desejo dos intérpretes de responder às necessidades do estudante surdo, que deveria conhecer os termos franceses para os exames.

**Palavras-chave:** Língua de Sinais Francesa. Vazio lexical. Interpretação. Táticas.

**Resumé:** *Le lexique spécialisé de la Langue des Signes Française (LSF) est de taille très inférieure à celui du français, ce qui pose régulièrement problème aux interprètes. Quatre cours de contrôle de gestion auxquels participait un étudiant sourd interprétés par quatre interprètes professionnels ont été enregistrés, et les tactiques des interprètes face à des termes français n'ayant pas d'équivalent lexical en LSF ont été identifiées, énumérées et analysées. Les cas de vide lexical se sont avérés nombreux. Les tactiques employées renvoyaient souvent à des termes en français, ce qui n'est pas conforme à une norme sociolinguistique forte dans la communauté sourde française. Ce choix peut s'expliquer par le souhait des interprètes de répondre aux besoins de l'étudiant sourd, qui devait connaître les termes français lors des examens, et vient appuyer la théorie du skopos.*

**Mots clés :** *Langue des Signes Française. Vide lexical. Interprétation. Tactiques.*

**Abstract:** French Sign Language has a far smaller specialised lexicon than French, which poses regular problems to interpreters working between the two. Four management control sessions attended by a deaf student and interpreted for him by four professional interpreters were recorded, and the interpreters' tactics when encountering the problems of missing signs in French Sign Language ('lexical gaps') were identified, counted and analyzed. Lexical gaps were found to be numerous in the corpus. The tactics often used elements of French spoken language, in contradiction with a strong sociolinguistic norm in the French deaf community. This can be explained by the interpreters' wish to cater to the needs of the deaf student, who needed to know the French terms when taking exams, and is in line with skopos theory.

**Key words:** French Sign Language. Lexical gap. Interpreting. Tactics.

**RECEBIDO EM:** 13 de janeiro de 2019

**ACEITO EM:** 22 de janeiro de 2019

**PUBLICADO EM:** janeiro 2019

## 1. Introdução: o vazio lexical na interpretação do francês para a Língua de Sinais Francesa

280 **C**omo outras línguas de sinais nacionais, a Língua de Sinais Francesa (LSF) é uma língua completa, que notadamente tem sua própria gramática e seu próprio léxico. Nascida inicialmente como uma língua de expressão e de comunicação veicular entre pessoas surdas, portanto, no seio de uma pequena fração da população nacional daquele país, a LSF propunha uma cobertura lexical dos diferentes domínios da atividade humana bem menos extensa que o francês. Ademais, seu vocabulário não evoluía quantitativamente na mesma velocidade que o léxico da língua francesa. A LSF conta, de fato, com apenas cerca de 6000 signos padrão referenciados, enquanto é possível encontrar dezenas de milhares de palavras nos dicionários gerais de língua francesa e centenas de milhares de unidades lexicais empregadas nos domínios de especialidade.

Esta desigualdade quantitativa entre os léxicos do francês e da LSF conduz, naturalmente, à ideia de um 'vazio lexical' na tradução do francês para a LSF<sup>1</sup>. Na verdade, essa afirmação não tem nada de evidente, porque os conceitos, tendo uma forma lexicalizada em uma língua, podem ser reexpressados sob outras formas em outra língua. Pode-se utilizar como exemplo as perífrases, que são largamente empregadas em todas as línguas, seja quando a palavra procurada não está disponível para o locutor no momento em que ele precisa (é o famoso fenômeno da "palavra na ponta da língua" bem conhecido pelos psicolinguistas), seja em um contexto de tradução.

Nas línguas de sinais em geral, e notadamente em LSF, recorreremos igualmente ao recurso de *cenarização*, assim denominado por Séro-Guillaume (2008). Trata-se de um conceito tradutológico de suporte para o discurso que utiliza as noções de *transferência* de C.

Cuxac (2000): na *transferência pessoal* ou na *tomada de papel*, o locutor “se torna” a entidade sobre a qual ele fala, pessoa, coisa, animal; já na *transferência de tamanho ou de forma*, o locutor descreve um objeto por sua forma, sua altura etc.; na *transferência de situação*, ele reproduz no espaço o deslocamento de um actante em relação a um locativo estável. Nas línguas de sinais, essas transferências tomam frequentemente uma forma visual. Fusellier-Souza (2006, p.75) diz:

um aspecto notável na estrutura de todas as LS (a saber...) é o fato de que, na ausência de sinais lexicalizados diante da expressão de conteúdos informacionais difíceis de se transmitir, os locutores surdos sempre recorreram à estratégia produtiva de ‘dar a ver’, reativando o processo de iconização como outro ramo semiológico explorável.

As línguas de sinais permitem, portanto, por processos icônicos e por outras encenações imaginativas (ou cenarizadas), que se exprima o sentido do discurso sem a necessidade de lexicalizar.

No entanto, nas línguas de sinais, e pelas mesmas razões que nas línguas vocais, a ausência de unidades lexicais pode reduzir a eficácia da comunicação. A fortiori, o vazio lexical pode gerar um problema: por ocasião de uma transmissão de *L’OEil et la main*, no canal televisivo France 5, para exteriorizar o conceito de dispraxia, o intérprete precisou de oito segundos e de duas táticas<sup>2</sup> diferentes: uma perífrase ([gestão/corpo]) [gestão desajeitada] [signo desajeitado/grosseiro], depois a apresentação da palavra D.I.S.P.R.A.X.I.A, valendo-se de signo alfabético por signo alfabético. O emprego de um signo lexicalizado teria economizado tempo e preciosos recursos atencionais, tanto do intérprete quanto dos expectadores surdos.

Os surdos, inseridos em diferentes domínios de especialidade, bem como os intérpretes que os acompanham, são levados a criar códigos e sinais onde há a carência deles: uma pessoa surda que trabalha em um laboratório de micro solda terá necessidade de termos precisos para designar um condensador, uma solda, uma solda de onda; um estudante surdo que estuda o Controle de Gestão precisará de termos para designar as immobilizações, os dividendos etc.

## 2. O vazio lexical e a interpretação simultânea

Na França, entre os intérpretes de línguas de sinais e também no seio da comunidade surda sinalizante, a questão do ‘vazio lexical’ revela-se um assunto sensível. Um princípio forte que prevalece entre os intérpretes poderia ser a seguinte: “não há vazio lexical, há apenas intérpretes ruins”. Reconhecer o vazio lexical está frequentemente associado à falta de competência linguística. A criação de correspondências lexicais *ad-hoc* para um termo francês

não lexicalizado em LSF é visto pelos intérpretes como um último recurso, uma admissão de fracasso por não saber utilizar a iconicidade da língua, ou seja, encontrar a imagem, a encenação (*mise en scène*), a transferência que poderia exprimir esse mesmo conceito em língua de sinais.

Contudo, como é explicado abaixo, a interpretação simultânea demanda fortemente os recursos cognitivos do intérprete. E a ausência de uma unidade lexical padrão para exprimir na língua de chegada (neste caso, em LSF) o que é denominado por um termo especializado na língua de partida pode comprometer a performance do intérprete, o que não aconteceria em se tratando de uma conversa comum entre sinalizantes.

No plano cognitivo, a interpretação simultânea pode ser representada como a superposição parcial de operações controladas, ou seja, consumidoras de tempo e de recursos atencionais, concorrendo para a recepção do discurso original, para a produção do discurso de chegada e para manipulação de informações na memória de curto prazo. O Modelo dos Esforços de interpretação simultânea (GILE, 2009, capítulo 7) está articulado em torno de três “esforços” de base, a saber: Esforço de Audição, que rebatizaremos aqui de Esforço de Recepção, para abranger a recepção do discurso sinalizado; o Esforço de Produção; e o Esforço de Memória, que corresponde a operações de armazenamento, estocagem temporária e de recuperação de informações linguísticas e extralinguísticas necessárias para a análise e reformulação do discurso original na língua de chegada. Acrescenta-se, ainda, um Esforço de Coordenação. Segundo “a hipótese da corda bamba”, que acompanha o Modelo dos Esforços, os intérpretes trabalham frequentemente próximos da saturação cognitiva. Por conseguinte, todo o aumento de necessidades de recursos atencionais ou de tempo de tratamento das informações está suscetível a condução de uma insuficiência cognitiva local ou global (GILE, 2009).

Em uma situação como esta, as correspondências lexicais intralinguísticas nos termos especializados oferecem a vantagem de uma considerável economia cognitiva em relação ao uso de perífrases, explicações e outros procedimentos não automatizáveis, como a cenarização, e também afastam o risco de saturação cognitiva.

### **3. A inovação lexical em LSF**

Não existem comissões oficiais de terminologia em LSF que possam recensear, regular e fazer evoluir a língua. As técnicas discursivas da língua de sinais permitem a expressão no cotidiano sem recorrer sistematicamente a signos padrões, e não houve urgência de se criar centenas de neologismos para enriquecer um vocabulário especializado ou mais elaborado. Apenas alguns dicionários bilíngues apresentam os sinais padrão para a aprendizagem de LSF:

o *Dictionnaire bilingue LSF/français* [Dicionário bilíngue LSF/francês] e alguns dicionários on-line (*Langue des Signes Française, Spreadthesign, LSF sur le Web...*).

Em consequência, para se dotar de novos signos, e na ausência de instâncias de normalização, frequentemente a LSF deve esperar uma iniciativa privada que corresponda às necessidades concretas de uma estrutura, ou de um estudante em curso universitário, para responder às necessidades lexicais específicas. Apesar das oportunidades que a internet oferece, é raro que um glossário criado desta maneira consiga se difundir em nível nacional.

Entre as iniciativas institucionais francesas, podemos citar a da direção da *Cité* [Cidade] das ciências em La Villette. Para tornar os conteúdos das conferências e exposições acessíveis ao público sinalizante, a referida direção instituiu uma comissão composta por intérpretes de LSF, por cientistas e por guias surdos. Os trabalhos da equipe resultaram em certo número de termos que foram adotados no léxico padrão da LSF, por exemplo, *système solaire, planète, Saturne* [sistema solar, planeta, Saturno]. A reflexão em torno da criação de neologismos hoje permanece a cargo dessa mesma equipe, que é responsável por tornar acessíveis em LSF os conteúdos científicos dos eventos propostos. (Sobre esse assunto ver os arquivos do site de *L'OEil et la main* [O olho e a mão] no canal *France 5* e a entrevista de Guy Bouchauveau na emissão intitulada “*créateurs de signes*” [criadores de signos]) O trabalho desse tipo de comissão resultou na disponibilização de vídeos-guia em LSF em muitos museus nacionais.

Outro exemplo é a ESBAM (Escola Superior de Belas Artes de Marseille). No momento de abertura do currículo da escola aos estudantes surdos em 2005, a instituição lançou um projeto de pesquisa intitulado “*Dire en signes*” [Dizer em sinais], que reunia cerca de cinquenta profissionais surdos e ouvintes. Essa iniciativa tinha como objetivo a criação de vocabulário necessário em LSF para os estudos das artes.

Alguns glossários especializados também foram produzidos: *Lex'signes* (2008), referência com mais de 180 sinais referentes à Idade Média ([*armure* – armadura], [*charrue* – arado], [*hérésie* – heresia], [*abbaye* – abadia], [*sceau* – selo] etc.). Apesar de cumprirem uma importante função pedagógica, esses materiais não são necessariamente utilizáveis em contextos de interpretação. A maioria dos sinais propostos, frequentemente sob a forma de várias vinhetas (cada vinheta corresponde a um sinal), são mais uma explicação que um sinal sintético no sentido Saussuriano do termo, além de seu emprego ser muito dispendioso em tempos de enunciação (veja mais adiante).

O trabalho foi feito sem se preocupar com a interpretação em si, mas para o uso dos surdos sinalizantes e diz respeito somente a poucos domínios e deixa o intérprete sozinho diante

do vazio lexical nos numerosos setores da vida onde ele atua. O essencial da criação lexical é feito, portanto, pelos próprios intérpretes no momento de atuação, em consulta a pessoas surdas para as quais eles trabalham. A difusão de novos sinais se dá informalmente e, em grande parte, de maneira aleatória: ela depende dos contatos entre os intérpretes e de sua atitude (na França, em geral, os intérpretes consideram que o enriquecimento lexical da LSF parte da iniciativa e responsabilidade da comunidade de surdos sinalizantes, que julga a necessidade de adoção ou não de um novo sinal). Segundo Gache e Quipourt (2003),

[...] como atualmente ainda não existe instância de regulamentação linguística institucionalizada, e que os referenciais da língua de sinais são somente para estudo, os intérpretes, em comum acordo, tiveram de se decidir entre dois modelos de referência entre eles, a saber: os locutores surdos cujas competências em línguas de sinais eram validadas pela comunidade surda; ou ainda aqueles que eram reconhecidos pelos ouvintes por seu nível de francês [...] Na ausência de normas, os intérpretes de língua de sinais se referem, geralmente, à experiência dos falantes.

Além disso, os intérpretes de LSF devem respeitar as normas sociolinguísticas da comunidade surda majoritária. Contrariamente às comunidades surdas estadunidense e britânica, que não são hostis à datilologia (que consiste em soletrar por sinais a palavra em língua vocal, nesse caso, o francês). Essa posição iconista e hostil ao surgimento da língua vocal no espaço de sinalização é igualmente adotada pelas quatro escolas francesas de interpretação de língua de sinais: a Universidade Paris 3, a Universidade Paris 8, a Universidade de Lille 3 e o (*Institut Universitaire Professionnalisé* (IUP) de Toulouse le Mirail.

#### 4. Táticas do intérprete de LSF diante do vazio lexical

No âmbito de seus trabalhos sobre interpretação simultânea entre línguas vocais, Gile enumera e analisa as táticas as quais os intérpretes recorreram frequentemente diante dos “gatilhos de problemas”. Trata-se de diferentes fenômenos relevantes do discurso original ou das relações entre as duas línguas (ou as duas culturas) concernidas (ver especialmente Gile 2009, capítulo 8). Na hipótese de uma solicitação cognitiva frequentemente próxima à saturação, a ausência de correspondentes lexicais facilmente acessíveis entre a língua de partida e a língua de chegada constitui um gatilho de problemas potencial se a ausência conduz o intérprete a um consumo suplementar de tempo ou de recursos atencionais. Supondo que a hipótese da corda bamba se aplique igualmente à interpretação de língua de sinais, parece interessante examinar as táticas a que têm recorrido, efetivamente, os intérpretes de LSF diante do vazio lexical.

#### 4.1 *Corpus e método*

Nosso estudo (cuja origem é uma dissertação de Mestrado 2 realizada na École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs (ESIT) – ver POURNIN, 2009) analisa os registros em vídeo dos serviços prestados por quatro intérpretes a um estudante surdo no *Centre National des Arts et Métiers* (Centro Nacional de Artes e de Profissões), de Poitiers. Os registros aconteceram entre junho de 2008 e abril de 2009 em quatro aulas de controle de gestão em nível de mestrado (em torno de uma hora e dez minutos por aula). Uma filmadora digital foi posta de um lado da sala de aula para que se tivesse um ângulo ampliado. O estudante se disse satisfeito com as interpretações e as partes envolvidas autorizaram a utilização das filmagens para a pesquisa.

Não existe glossário francês/LSF no domínio de controle de gestão. Os termos no discurso francês que geravam um problema de vazio lexical foram determinados pelos seguintes critérios:

- não estarem referenciados nos dicionários existentes;
- não terem equivalência lexical em LSF conhecida pelo estudante surdo e pelos intérpretes;
- se elas existissem em LSF e fossem conhecidas pelo intérprete ou pelo estudante surdo em uma acepção dada, eles as empregavam em outro sentido aqui.

Os registros foram analisados e os termos que correspondiam aos critérios acima foram devidamente catalogados para a posterior análise da interpretação. 107 termos que necessitavam de uma correspondência precisa (por oposição a uma aproximação conceitual) e não possuíam equivalência padrão em LSF foram então identificados conjuntamente por dois intérpretes e pelo estudante surdo: 29 na primeira aula, 38 na segunda, 22 na terceira e 17 na quarta. Segundo o estudante, nenhum de seus conhecidos surdos que exerciam a profissão de contabilista conhecia equivalentes lexicais em LSF para os termos e expressões francesas levantados.

Para cada um dos termos, registramos sinal por sinal a maneira com que cada intérprete os traduzia: datilologia, francês sinalizado, interpretação/labialização/empréstimo/cenarização/etc.

## 4.2 Resultados

Em sua análise das táticas de interpretação simultânea, Gile (2009, pp.211-212) postula a existência de “leis” subjacentes que determinam sua seleção, nomeadamente a maximização da recuperação de informações e a minimização de interferências (na medida no possível, para transmitir uma informação, uma tática não deve consumir o tempo e os recursos atencionais em detrimento de outra informação). É interessante analisar as táticas identificadas no presente estudo de caso no que tange a essas leis.

As “táticas” observadas em nosso *corpus* (ver Quadro 1), que compreendem técnicas de expressão que em sua maioria existem em LSF independente da interpretação, e que aqui serão qualificadas como “táticas” devido ao seu emprego específico diante do vazio lexical, são: a labialização; a datilologia; o empréstimo adaptativo; a cengarização; o francês sinalizado; a perífrase ou explicitação; a junção de siglas (iniciais das palavras, por exemplo, UVC para Unidade de Vendas ao Consumidor); a enumeração de elementos sugerindo um conjunto (por exemplo “piano, violão, violino etc.” para exprimir a ideia de instrumento de música); a criação de um signo por duplo labial (o sentido do sinal é dado pela similitude da pronúncia labial com a de uma palavra francesa conhecida da pessoa surda, tática mais frequentemente utilizada pelo indivíduo surdo na tradução da LSF para o francês).

286

### Observações:

- (1) Se não há mais do que 107 palavras para 149 táticas é porque a língua de sinais é pluridimensional e permite a simultaneidade de diversos componentes (por exemplo labialização + sinal, acrescido de datilologia). Além disso, os intérpretes, por vezes, têm recorrido a mais de uma tática para o mesmo conceito.
- (2) Não contabilizamos a tática *código primeira letra ou inicialização* (que consiste em datilologizar a primeira letra da palavra em francês, labializando-a fortemente). No *corpus*, ela vinha sempre lembrar um conceito já traduzido por uma primeira tática e era somente uma tática de espera, o tempo de atribuir um código ou sinal ao conceito equivalente.



Quadro 1 – Estratégias de tradução em LSF dos termos técnicos em francês que não possuem equivalência sinalizada no *corpus*.

	Interpretação n° 1	Interpretação n° 2	Interpretação n° 3	Interpretação n° 4	Total
Labialização	12	18	9	16	55 ou 34%
Datilologia	7		2	15	33 ou 20%
Empréstimo da língua francesa	9	5	6	1	21 ou 13%
Cenarização	4	6	2	2	18 ou 11%
Francês sinalizado	3	6	5		14 ou 9%
Perífrase	1	6	2	1	10 ou 6%
Representação visual do suporte do curso	1	3			4 ou 2%
Sinal da primeira letra	1			2	3 ou < 2%
Junção de siglas		2		1	3 ou < 2%
Enumeração	1				1 ou < 1%
Sósia labial		1			1 ou < 1%

#### 4.2.1 Táticas frequentes

##### (1) Labialização de palavra em francês (sem voz): (55 ocorrências)

A labialização nunca vem sozinha: ela é acompanhada de um sinal, de uma soletração.

Podemos distinguir duas formas de labialização: a forma *padrão*, componente idiomático da língua de sinais, e a *articulação simpática*, que se vale de mímicas bucais, sons e outros movimentos da boca necessários a uma comunicação idiomática (Séro-Guillaume, 2005, p. 130-131).

As labializações observadas em nosso *corpus* são bem mais frequentes e mais apoiadas do que se requer habitualmente em uma interpretação em LSF. Uma explicação possível: os intérpretes estavam conscientes da utilidade dos termos em francês para o estudante surdo, que teria de reconhecê-las e utilizá-las nos documentos e nas avaliações escritas.

Exemplo intérprete 2:

“Agir a longo prazo ou a médio prazo”: [muro/barreira] + [muito à frente] ... [muro] + [em frente] + [meio] furtivamente esboçada pela mão esquerda, labializada “longo médio prazo”.<sup>3</sup>

**(2) Datilologia:** utilização do alfabeto manual codificado em signos (33 ocorrências)

A datilologia é uma prática que só é utilizada habitualmente para soletrar os nomes próprios que não tenham equivalente lexical em LSF, ou como último recurso para sanar alguma dificuldade de compreensão. Como nem todos os surdos ficam confortáveis com a língua escrita, não é natural mesclar a LSF com palavras datilologizadas (diferentemente do uso na língua de sinais americanas). Nesse *corpus*, porém, a datilologia é uma das técnicas mais frequentes. Ela permite também a indicação direta do léxico francês utilizado durante a aula do estudante, que sobre a técnica, afirma: “[...] eu também preciso das palavras, pois se a interpretação é muito imagética eu não sei de qual palavra em francês eu preciso para exprimir o conceito por escrito”.

288

A alta frequência de uso dessas duas táticas evidencia o fato de que os intérpretes do nosso *corpus* consideram a necessidade do estudante, que vai além da comunicação imediata. Devido a seu custo de tempo e de recursos atencionais, frequentemente elas são escolhidas pelo intérprete em função de sua apreciação da importância do termo francês para o estudante surdo (recorrência da utilização da palavra no discurso do professor, interação do estudante com o intérprete).

Exemplo: segmento: [parte do bolo] + S.E.G.M.E.N.T +labialização “segmento”<sup>4</sup>

Permanecendo em uma interpretação imagética, o intérprete retorna ao discurso original em francês para explicar que o termo que é utilizado pelo professor e que o estudante encontrará escrito será precisamente o termo “segmento”.

Por outro lado, a presença frequente do apoio da datilologia prejudica a compreensão, como sugere o seguinte extrato da entrevista feita com o estudante:

Há muitos anos eu tinha um módulo de direito para fazer dentro do meu BTS (*Brevet de Technicien Supérieur* – Diploma de Técnico Superior) em Contabilidade e o intérprete datilologizava quase todos os conceitos. O curso durava três horas. Era impossível, eu não podia seguir olhando as palavras serem soletradas, então disse ao responsável que não poderíamos trabalhar daquela maneira.

É notável que a datilologia demanda mais tempo que a expressão por sinais lexicalizados. Por um mecanismo explicado no quadro do Modelo dos Esforços da simultaneidade<sup>5</sup> (GILE, 2009), o atraso resultante pode conduzir a uma sobrecarga da memória de curto prazo, depois a perdas. Em um estudo mais recente<sup>6</sup> ainda não publicado, notamos uma tendência dos intérpretes de omitir o segmento de discurso seguinte (que se seguiam) à datilologia. Notamos, também, que a datilologia leva a uma saída do espaço de cenarização para introduzir um elemento em uma cadeia linear que certamente vai esclarecer um conceito, mas isso se deve a sua forma estranha a esse espaço e a sua lógica. A integração do conceito no fluxo da interpretação será um elemento suplementar a ser gerido pelo intérprete: a gestão da mensagem se fará por dois canais diferentes, o que pode ocasionar uma sobrecarga cognitiva e perda da informação seguinte do discurso.

**(3) Empréstimo adaptativo da LSF:** emprego de um sinal existente com um novo sentido. (21 ocorrências)

289

Um signo existente em LSF é tomado como empréstimo e investido de um novo sentido, geralmente especializado (aqui no domínio do controle de gestão). Em nosso *corpus*, a labialização é majoritariamente associada a esse procedimento (em 50% dos casos). Em contrapartida, a datilologia foi associada uma única vez.

Exemplo de empréstimos utilizados:

Ex: custo/preço/tarifa/montante sinalizados da mesma maneira. O intérprete associou a labialização à sinalização para diferenciar os termos no contexto. O empréstimo induz a um sentido próximo, mas não exato, e o estudante tem a possibilidade de acompanhar ou não os lábios para compreender, por exemplo, que se trata da palavra *custo*<sup>7</sup>.

Esta tática foi igualmente utilizada para diferenciar qualidade/ performance/ eficiência/ eficácia, que são sinalizadas da mesma maneira.

Em contrapartida, para os termos como *ménage*, traduzido por *couple* (casal); *sénior* (senior), por *vieux* (velho); *carence* (carência), por *manque* (falta); ou *quantitatif* (quantitativo), por *chiffres* (números), o ILS (intérprete de língua de sinais) não associa nenhuma outra tática ao empréstimo adaptativo.

Esses empréstimos são, em sua maioria, extremamente simplificadores e transmitem apenas uma parte do conceito: no *corpus*, metade deles são acompanhados da labialização do termo exato em francês sem datilologia. A labialização serve para distinguir os sinais: na falta de uma melhor distinção, *porção* será diferenciada aqui de *porcentagem* pela informação labial.

#### (4) Cenarização (18 ocorrências)

Amplamente utilizada pelos intérpretes, a cenarização cria quadros que condensam o sentido do discurso. Como mostra o exemplo abaixo, uma cenarização pode compreender um sinal derivado de uma cenarização anterior.

Exemplo:

Acionário: [pessoa] + [cupom destacado] + [comprar]

290

Aqui, o sinal [ação] tinha sido criado previamente pelo estudante e pelo intérprete logo após a definição da palavra e a uma referência feita pelo professor (outrora, as ações se materializavam pelas largas folhas de papel que se destacavam nas partes pontilhadas). Essa informação fácil de se encenar foi escolhida pelo estudante surdo para designar *ação de empresa* (sinalizado literalmente *papel que se separa de sua fonte*). É natural que a palavra [ação] se encontre no sinal do [acionário] como ponto de partida para uma nova cenarização. Fora de contexto e partindo do sinal [*ticket*], seria difícil de se chegar ao termo *acionário*. Numerosos sinais assim criados são compreendidos apenas porque eles remetem a um “conhecimento compartilhado” pelo estudante e pelo intérprete (sobre esse assunto, ver JEGGLI, 2003). Encontramos algumas vezes no campo uma dezena de sinais para um mesmo termo, pois eles foram criados ao mesmo tempo por diferentes pares de estudante surdos/ILS. Esses sinais não têm vocação para se propagarem. As táticas do intérprete diante do vazio lexical assumem então um pouco o caráter de um eterno recomeço.

A cenarização, frequentemente apresentada como a solução escolhida para o vazio lexical, demanda um esforço de reflexão durante sua elaboração. Sua organização requer uma conceitualização rápida e eficaz do significante. Na realidade, a cenarização é, por vezes, laboriosa, com as “queimadas de largadas” que podem resultar em seu abandono em favor de uma interpretação mais linear, próxima do francês sinalizado.

As observações a seguir foram extraídas de uma pesquisa em andamento. Foram registradas durante um *focus group* [grupo focal] realizado com estudantes intérpretes do Mestrado 2 e um dos objetivos estava em identificar as dificuldades ligadas à cenarização na interpretação simultânea.

“Minha dificuldade é que tenho problemas em criar interações que não existem no discurso”.

“É difícil quando você não encontra imediatamente o caso concreto para representar (visualmente o discurso)”.

“Ficamos para trás por cenarizar. Cenarizamos e, em consequência, perdemos a informação que vem em seguida”.

“Percebo que, algumas vezes, não é possível passar por transferências pessoais e cenarizações na interpretação simultânea”.

291

“Tendo a favorecer o conteúdo em detrimento da forma (cenarizada), tendo a ficar muito colado ao discurso, pois não quero deixar nada escapar [...]”.

Ademais, a espacialização dos elementos do discurso sinalizado pelo intérprete solicita um esforço de memorização suplementar dos locais dedicados, na perspectiva de sua ativação ulterior. Por questão de clareza, o ILS estará atento para não colocar tudo no mesmo lugar: os acionários à direita, a filial à esquerda, os subempreiteiros ao centro, fornecedores levemente acima, respeitando uma lógica compartilhada comumente (Deus está acima e os homens abaixo).

Se uma mesma espacialização evoca vários elementos, o ILS é, frequentemente, forçado a renomear o elemento que ele reativa. Esse esforço de memorização é consciente e o *corpus* nos mostra que os ILS devem se concentrar para reencontrar o posicionamento ou corrigí-lo, enquanto que, às vezes, somente duas entidades estão posicionadas. Com isso, o Esforço de memória de curto prazo no Modelo de Esforços da simultaneidade (ver acima) tem em ISL (interpretação de língua de sinais) um elemento que não existe na interpretação entre línguas vocais.

D.-C. Bélanger (1995) sugere colocar no mesmo lugar certas categorias de entidades (os elementos masculinos à direita e os femininos à esquerda, as entidades à direita e as pessoas à esquerda) em uma ótica de automatização da produção. Sabendo que o ILS não tem nenhum poder sobre o discurso de partida, cujo conteúdo desconhece de antemão, a situação é difícil, pois pode haver muitas empresas, muitas pessoas ou muitas filiais. Além disso, nessa sujeição entraria a apropriação do discurso pelo ILS, que teria naturalmente colocado uma entidade à esquerda ou à direita, segundo a organização e a lógica de seu próprio espaço de sinalização.

#### **(5) Transliteração ou francês sinalizado (14 ocorrências)**

O ‘francês sinalizado’ consiste em aplicar sobre a língua de sinais a estrutura sintática do francês. Se certas línguas de sinais integram mais naturalmente a sintaxe da língua vocal correspondente (a AUSLAN, língua de sinais australiana, ou a ASL, língua de sinais americana, por exemplo), isso não acontece com a LSF.

292 Exemplo, interpretação n. 1:

Cesta média: [alça da cesta] + [médio]

O intérprete e o estudante sabem que não se trata, nesse contexto, do objeto ‘alça de cesta’, mas uma perífrase seria longa e o estudante já conhece o conceito. A transliteração apresenta aqui a vantagem da rapidez e da ligação direta com o francês. O próprio estudante afirma: “Para o *custo de produção* somos obrigados a utilizar o francês sinalizado, não vejo outra solução. O mesmo para *custo de distribuição* e *custo de fornecimento*”.

O recurso do francês sinalizado é aqui uma escolha do intérprete e do próprio estudante. Nesse caso preciso, para ambos, o respeito à forma linguística da língua de sinais é menos importante que a lembrança da forma francesa. Napier (2002) remete também às preferências dos estudantes surdos por uma forma de interpretação mais literal ou mais icônica. Após uma experiência realizada junto a estudantes surdos, a autora propõe o conceito de *translational contact* como forma ideal de tradução de conteúdos universitários, misturando a literalidade e a iconicidade. Em nosso *corpus*, a literalidade da interpretação é igualmente uma escolha, e não o resultado de defeito de crenarização.

## (6) **Perífrase** (10 ocorrências)

A perífrase é utilizada desacompanhada, sem labialização apoiada, nem datilologia. É um parêntese de introdução ao conceito. Constatamos também que, no *corpus*, o emprego dessa tática para palavras não técnicas, como *formal*, *otimizar*, *normativo*, *números exatos*, *logística*, a perífrase respondia a necessidades imediatas do estudante, manifestadas por meio de olhar interrogador durante a interpretação.

Pudemos verificar esse fenômeno de *feedback* entre o intérprete e o estudante no momento das quatro filmagens. Recuperamos aqui as ideias de Cecilia Wadensjö (1998), Melanie Metzger (1999) e Cynthia Roy (2000), que sublinham o papel ativo do intérprete em situação de interpretação de ligação.

Jemina Napier (2006) insiste, aliás, sobre a cooperação entre o intérprete e a pessoa surda na interpretação da língua de sinais australiana para o inglês e relata olhares, acenos com a cabeça e interações muito curtas que não tomam forma linguística sinalizada estritamente falando.

Exemplos de perífrase:

Logística: [prever] + [transporte] + [custo] + [quando] + etc.

Números redondos: [números] + [12 etc] + [não] + [líquido] + [zero na extremidade] (cenarização)

Esses exemplos ilustram a dificuldade de cobrir um conteúdo pedagógico como atenuante para o vazio lexical. Com efeito, quando o intérprete cenariza os termos especializados, ele influencia fortemente a representação do conceito que o estudante terá de tais termos posteriormente.

Observamos, igualmente, que o tempo requerido para sinalizar essas perífrases é relativamente importante. Em nosso *corpus*, como o discurso do professor era bastante redundante, essa tática não ocasionou atrasos em relação à fala do orador. Em contrapartida, se os estudantes ouvintes puderam aproveitar a repetição da informação dada pelo professor para a assimilar melhor, o custo da tática no tempo da enunciação permitiu que o intérprete traduzisse apenas uma vez. O estudante surdo, no entanto, foi privado dessa possibilidade de repetição.

Outra consequência da duração da perífrase é que os diálogos curtos são omitidos algumas vezes, como no excerto seguinte:

“Professor: – Para esse tipo de exercício, diga os resultados em números redondos.”

“Um estudante”: – Para o exercício 2 e 3?”

“Professor: – Sim, para os dois.”

O intérprete omitiu o diálogo por falta de tempo, a interpretação de *números redondos* lhe tomou preciosos segundos, e ele interpretou: “para esse tipo de exercício, é necessário dar o resultado em *números redondos* para os exercícios 2 e 3”. Neste exemplo, as explicações do professor foram transmitidas na totalidade, mas a omissão do diálogo pode dar ao estudante surdo a falsa impressão que os outros estudantes não fazem perguntas ou intervêm pouco em sala.

#### 4.2.2 Táticas pouco frequentes

- (1) Apontamento visual (por exemplo, apontar para um elemento escrito no quadro).
- (2) Sinalizar as iniciais da palavra francesa, por exemplo [C] e [D] em um espaço redenhando um diário contábil para *crédit* [crédito] e *débit* [débito], respectivamente.
- (3) Sistema de siglas.
- (4) Enumeração de alguns elementos pertencentes a um conjunto para representá-los.
- (5) Labialização de um duplo ou parente labial próximo.

Por exemplo, *imobilização* é sinalizado como [imóvel] e é labializado. Esse sinal, criado pelo estudante, foi escolhido em razão da similaridade similitude de sua pronúncia labial e da pronúncia da palavra francesa (*immeuble* – imóvel) e porque *immobilisation comptable* [imobilização contábil] pode, dentre outras coisas, se referir a um imóvel. Essa lexicalização temporária é essencialmente subjetiva e particular ao estudante. É a razão pela qual é pouco utilizada durante a interpretação do francês para a LS, enquanto é bem mais utilizada da LS para o francês. O caminho que conduziu o estudante a esse sinal preciso segue sua lógica pessoal e a de seu reconhecimento labial. Caberá ao intérprete se recordar do sinal e seguir a mesma lógica para restituir corretamente seus propósitos durante os diálogos.

### 5. Discussão e conclusão

Neste estudo de caso, o primeiro do gênero que temos conhecimento, um primeiro fenômeno digno de atenção consiste na frequência elevada do vazio lexical no *corpus* (107



termos franceses sem correspondência lexicalizada em LSF em menos de cinco horas de discurso). Esse fenômeno parece distinguir bastante claramente a interpretação em língua de sinais da interpretação entre línguas vocais.

Quanto às táticas mais frequentes, observamos que se a labialização é rápida, a segunda tática mais frequente, a saber, a datilologia, é vagarosa e sua eficácia é incerta. Em quase metade dos casos do nosso *corpus*, a técnica de datilologia foi repetida porque estava ou ortograficamente incorreta, desajeitada, ou muito rápida para o estudante. Porém, em 45% dos casos, ela estava associada a uma omissão do segmento de discurso seguinte, talvez em virtude de um atraso e de um déficit de atenção ligado à saturação da memória de trabalho do intérprete (GILE 2009, capítulos 7 e 8). Esse fenômeno é particularmente flagrante nas filmagens da quarta aula, no qual o segmento seguinte à datilologia foi omitido em quase 64% dos casos. Entretanto, a tática é sempre utilizada. Isso não significa que a lei da minimização de interferências não se aplica à interpretação de língua de sinais francesa? Preferimos, antes, uma outra explicação, a da importância acordada pelo intérprete a uma informação translinguística: para além da mensagem semântica que o discurso original veicula, ele confere prioridade à transmissão de uma informação sobre o termo francês em razão das necessidades particulares do estudante na sala dos ouvintes. Acontece de as informações sobre a palavra na língua de partida serem igualmente transmitidas na interpretação entre línguas vocais, mas isso é relativamente raro. A frequência elevada dessa tática entre os ILS é uma ilustração impressionante da importância da função do discurso traduzido nas escolhas do tradutor ou intérprete e vem apoiar a teoria do *skopos* (REISS; VERMEER, 1984/1991), que postula justamente a importância primordial da função de cada tradução (seu “*skopos*”) como determinante da maneira como o tradutor comporá seu texto. Os intérpretes intervêm cada vez mais no meio pedagógico, parece ser então interessante, em uma ótica de otimização do currículo em formação, examinar mais aprofundadamente as dificuldades encontradas *in loco* nesse ambiente.

Por fim, o *corpus* evidencia a existência de uma tensão entre o desejo da comunidade surda francesa de preservar a LSF de uma interferência do francês e o interesse de comunicação em certas situações concretas. Uma tensão análoga é encontrada, aliás, na resistência do francês à influência do inglês nos domínios de especialidade. O japonês, em contrapartida, integra desde muito tempo os termos estrangeiros até na linguagem cotidiana sem que isso pareça ter uma influência nefasta na sua riqueza lexical, sintática e estilística própria.

O estudo de caso poderia ser somente o início de uma exploração sistemática do comportamento dos ISL diante do vazio lexical, exploração que, se for conduzida em diferentes contextos e situações de comunicação, deveria trazer elementos preciosos de apreciação das diferentes táticas e de seus efeitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÉLANGER, Danielle-Claude. « *De l'analyse à la préservation de l'équilibre d'interprétation.* ». 1995. Artigo elaborada a partir da fusão de dois : « Les spécificités de l'interprétation en langue des signes québécoise ; première partie : Analyse à partir du Modèle d'Efforts et de l'équilibre d'interprétation. » *Le Lien.* 9 (1), pp. 11-16. « Les spécificités de l'interprétation français-langue des signes québécoise ; deuxième partie : Comment préserver l'équilibre d'interprétation. » *Le Lien.* 9 (2), pp. 6-13.

BENTIVOGLI, Luisa.PIANTA, Emanuele. « *Looking for lexical gaps.* » Euralex : 2000. Disponível em: <http://multiwordnet.fbk.eu/paper/wordnet-euralex2000.pdf>. Acesso: janeiro 2019.

CUXAC, Christian . « La langue des signes française (LSF) :les voies de l'iconicité. » *Faits de Langues* n°15-16. Paris : Ophrys, 2000.

296 FUSELLIER-SOUZA, Ivani. « Processus de création et de stabilisation lexicale en langue des signes (LS) à partir d'une approche sémiogénétique. » *Glottopol, Revue de sociolinguistique en ligne* n°7, 2006, pp. 72-95.

GACHE, Patrick et QUIPOURT, Christine. « Interpréter en Langue des signes, un acte militant? » *Langue Française.* 137(1), 2003, pp. 105-113.

GILE, Daniel. *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training.* (Revised Edition). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009.

JEGGLI, Francis. « L'interprétation français/LSF à l'université. » *Langue Française.* 137(1), 2003, pp. 114-123.

METZGER, Melanie . *Sign Language Interpreting, deconstructing the myth of Neutrality.* Washington D.C.: Gallaudet University Press, 1999.

NAPIER, Jemina . *Sign Language Interpreting, Linguistic coping strategies.* Coleford England: Douglas Mc Lean, 2002a.

NAPIER, Jemina. « University interpreting: linguistic issues for consideration. » *Journal of Deaf Studies and Deaf Education* n° 7, 2002b, pp. 281-302.

NAPIER, Jemina. « Cooperation in interpreter-mediated monologic talk. » Working paper presented to the *Theoretical Issues in Sign Language Research Conference.* Florianopolis, Brazil, December 2006c. 40 pages.

POURNIN, Sophie. *L'interprétation du vide lexical des domaines de spécialité, une étude de cas*. Mémoire de M2 Recherche en Traductologie non publié. Paris, ESIT, Université Paris 3, 2009.

REISS, Katharina. VERMEER, Hans. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. (Linguistische Arbeiten 147), 2ème édition. Tübingen: Niemeyer, 1984/1991.

ROY, Cynthia. *Interpreting as a discourse process*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

SÉRO-GUILLAUME, Philippe. *Langue des signes, surdité et accès au langage*, Paris : Editions du Papyrus, 2008.

WADENSJ , Cecilia. *Interpreting as interaction*. London: Longman, 1998.

### **Dictionnaires**

ERLANDE-BRANDENBURG, Alain et al. *Moyen  ge. Vocabulaire bilingue langue des signes française et français*. Paris : Editions du patrimoine, Centre des monuments nationaux, 2008.

GALANT, Philippe. *Le Dictionnaire bilingue LSF/français*. Paris : International Visual Theatre, 2003.

MOODY, Bill. VOUREH, Agnès. GIROD, Michel et al. Tome 3 « Les Mots en mains. » Paris : International Visual Theatre, 1998.

MOODY, Bill, VOUREH, Agnès, GIROD, Michel et al. *La langue des signes*, tomes 1, 2 et 3. Paris : Edition IVT, 1998.

### **Dictionnaires en ligne**

**Langue des Signes Française. Sematos.eu**. Disponível em: <http://www.sematos.eu/lsf.html>  
Acesso: janeiro 2019.

**Spreadthesign**. Disponível em: <http://www.spreadthesign.com/fr/> Acesso: janeiro 2019.

### **Sites Web**

**Tendance Sourde** Disponível em: <http://www.tendancesourd.com/les-10-sites-web-gratuits-pour-apprendre-la-langue-des-signes-francaise/> Acesso: janeiro 2019.

### **Emiss es em Língua de Sinais Francesa**

**L'OEil et la main**, extrait de « corpus dyspraxie. ». Disponível em:  
[http://www.dailymotion.com/video/x9v3n4\\_1-oeil-et-la-main-interpretestrans\\_lifestyles](http://www.dailymotion.com/video/x9v3n4_1-oeil-et-la-main-interpretestrans_lifestyles)  
Acesso: janeiro 2019.

**LSF sur le Web**. Disponível em:  
[http://ufr6.univ-paris8.fr/desshandi/supl/projets/site\\_lsf/accueil/accueil.php](http://ufr6.univ-paris8.fr/desshandi/supl/projets/site_lsf/accueil/accueil.php) Acesso: janeiro 2019.

**Anexo: unidades lexicais utilizadas no discurso francês que não tem equivalente lexical padrão em LSF (Língua de Sinais Francesa)**

## Advertência:

1. A lista abaixo comporta menos de 107 palavras distintas, algumas, polissêmicas foram contabilizadas separadamente por cada uma de suas acepções.

2. Ela comporta, igualmente, certos termos, tendo equivalentes padrão em LSF, quando os que foram utilizados para traduzir um outro termo francês não estão mais disponíveis na equivalência habitual. Por exemplo, o termo *fiscalidade* é geralmente traduzido em LSF pelo sinal que designa o imposto, mas no *corpus* esse sinal fica com sua acepção em sentido estrito, o que exclui seu emprego por *fiscalidade*. O mesmo acontece para os sinais [investimento] e [financiamento].

3. Nessa lista encontramos conceitos habitualmente traduzidos por um signo não especializado ou uma perífrase que não poderia ser utilizada aqui em razão da exigência de precisão que se põe no contexto desses cursos de controle de gestão.

4. Enfim<sup>8</sup>, quatro termos em inglês (em itálico), utilizados no discurso francês durante o curso, foram incluídos na lista por essa razão. Amortizar, Análise quantitativa, Abordagem qualitativa, *Business to client* Carência do mercado, Cessão, Carga variável/fixa, Número redondo, Chaves de repartição, Coeficiente multiplicador, Cotação, Custo, Custo completo, Custo parcial/ de produção/ de distribuição/ de obtenção, Custo padrão, Diagnóstico, Diagnóstico interno/externo, dados, Economias de escala, Efetivo/Eficaz, Eficácia, Eficiência, Para iniciante, Filial, Fluxo, Capital de giro, Formal, Gama, Imputação, Imputação racional (das cargas), Imobilização, Inconvenientes, Indicador de performance, Índice, Investir, Investimento, Logística, Gestão/Casal, Mapeamento competitivo, Limpeza, Método de custo completo, Método transacional, *Mixed products*, Mobilização/imobilização, Montante, Nitrato, Nível de atividade, Normativo, Noção, Noção imaterial/material, Otimizar, Quantitativo, painel, Cesto médio, Performance, Custo, Custo adicional, Custo de transferência, Produto maduro, Produto de nicho, Produto padronizado, Ratio, Repartição do mercado, *Reporting*, Resultado de exploração, Segmento, Limiar de rentabilidade, Sênior, *Snacking*, Painel de avaliação, Dimensão crítica, Tarifa, Taxa de penetração, Transversal, Unidade de venda ao consumidor.

298

---

<sup>i</sup> A tradução e publicação deste artigo foi autorizada, via e-mail, pelos autores do texto, Sophie Pointurier-Pournin e Daniel Gile, em 30 de março de 2018. Além da autorização, os autores também revisaram a tradução. A editora adjunta da revista - *The Journal of Specialized Translation* – Lucja Biel autorizou a tradução e publicação do artigo em questão por e-mail em 08 de outubro de 2018. Agradecemos muitíssimo a receptividade e a autorização de autores e editora para traduzir e publicar o artigo abaixo referenciado:

POURNIN, Sophie Pointurier. GILE, Daniel. Les tactiques de l'interprète en langue des signes face au vide lexical: une étude de cas. *The Journal of Specialised Translation*. Issue 17 – January 2012. Disponível em: [https://www.jostrans.org/issue17/art\\_pournin\\_gile.pdf](https://www.jostrans.org/issue17/art_pournin_gile.pdf) Acesso: janeiro de 2019.

<sup>ii</sup> Sophie POINTURIER-POURNIN – Doutora (2014) e Mestre (2009) em Tradutologia pela *Université Sorbonne Nouvelle Paris 3*, França. É mestre de Conferências (2009) e responsável pelo Mestrado em Interpretação de Línguas de Sinais Francesa – Francês na ESIT, *Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3*, França. É Intérprete de Língua de Sinais Francesa formada pela *École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs* (ESIT). Paris, França. Currículo: <https://www.aaesit.com/person/sophie-pointurier-pournin/1549>  
E-mail: [pointurier.sophie@gmail.com](mailto:pointurier.sophie@gmail.com)

<sup>iii</sup> Daniel GILE – Doutor em Japonês e em Linguística. É ex-matemático. É professor emérito da Universidade Sorbonne-Nouvelle, Paris 3. Trabalhou profissionalmente como tradutor técnico e científico. É Intérprete de Conferência. É membro do *International Association of Conference Interpreters* (AIIC). Paris, França.

---

Para maiores informações: [www.cirinandgile.com](http://www.cirinandgile.com) E-mail: [daniel.gile@yahoo.com](mailto:daniel.gile@yahoo.com)

<sup>iv</sup> Giovana Bleyer Ferreira dos SANTOS – Doutora em Estudos da Tradução (2014) pela Universidade Federal de Santa Catarina com estadia de pesquisa na *Artesis University College* de setembro de 2013 a janeiro de 2014, tendo sido bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestre em Literatura e Práticas Sociais (2009) pela Universidade de Brasília. É licenciada em Francês (2007) e bacharel em Letras – Estudos Literários (2008) pela Universidade Federal de Goiás. É graduanda em Letras – Inglês pela Universidade Federal de Goiás. Realizou estágio de pós-doutorado em Letras e Linguística (2016) pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, tendo sido bolsista FAPEG/CAPES. É especialista em Linguística das Línguas de Sinais (2018) pela Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Goiás, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4587657087203729> E-mail: [giovanableyer@gmail.com](mailto:giovanableyer@gmail.com)

<sup>v</sup> Alexandra Almeida de OLIVEIRA – Doutoranda e mestre (2007) em Letras e Linguística na Universidade Federal de Goiás. Licenciada em Letras Português – Francês pela Universidade Federal de Goiás (2002). É bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). É professora adjunta da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Goiás, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2338322079198049> E-mail: [alexandra.lettras.ufg@gmail.com](mailto:alexandra.lettras.ufg@gmail.com)

<sup>vi</sup> Adriano MAFRA – Doutor em Estudos da Tradução (2015) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014) e em *Translation Science* (2015) pela *Universiteit Antwerpen*, Bélgica, doutorado em co-tutela. Mestre em Estudos da Tradução (2010) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciado em Letras Português – Inglês (2005) pela Universidade do Vale do Itajaí. Especialista em Metodologia do Ensino de Línguas: Português, Inglês e Espanhol (2007) pelas Faculdades de Ciências Sociais Aplicadas (CELER/FACISA). É professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal Catarinense – Campos Ibirama. Ibirama, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1642126101244796> E-mail: [adrianoporto@gmail.com](mailto:adrianoporto@gmail.com)

<sup>1</sup> A lista abaixo contém menos de 107 palavras distintas, sendo que algumas polissemias foram contadas separadamente para cada um dos seus significados.

<sup>2</sup> Na primeira revisão da tradução do presente artigo, o autor Daniel Gile explicou a escolha de empregar em seu texto a palavra *tactique* (tática) em vez de *stratégie* (estratégia). Segundo o autor, “as estratégias têm uma função (um objetivo, sobretudo) mais geral e mais elaborado que as táticas. As estratégias são frequentemente baseadas em uma reflexão consciente e elaboradas com tempo. As táticas revelam reações mais ou menos imediatas para responder à uma situação no calor da ação. Os processos mentais não são idênticos, e as habilidades não são as mesmas”. Para maiores informações, ver GILE, Daniel. ‘*Tactics*’ vs. ‘*strategies*’ in interpreting. Disponível em:

<http://cirinandgile.com/bulletins/Bulletin-50-Jul-2015.pdf> Acesso: 21/01/2018.

<sup>3</sup> Exemplo do intérprete 2: « Agir à long terme ou à moyen terme » : [mur] + [loin devant] ... [mur] + [devant] + [moyen] furtivement esquissé de la main gauche, labialisé « long moyen terme »

<sup>4</sup> Exemple : *segment* : [part du gâteau] + S.E.G.M.E.N.T + labialisé « segment »

<sup>5</sup> GILE, Daniel, “Testando a hipótese da ‘corda bamba’ do modelo dos esforços na interpretação simultânea - uma contribuição”. Tradução: WEININGER, Markus J.; SANTOS, Giovana Bleyer F. dos; WEININGER, Markus J.; SANTOS, Giovana Bleyer F. dos; BARBOSA, Diego Maurício. Florianópolis: Cadernos de Tradução, 2015.

<sup>6</sup> Para maiores informações, consultar:

POINTURIER-POURNIN, Sophie. *L’interprétation en Langue des Signes Française: contraintes, tactiques, efforts*. (Thèse de doctorat en traductologie). Paris: Linguistique. Université Paris 3 - Sorbonne Nouvelle, 2014. Disponível em: <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-01077924/document> Acesso: janeiro 2019.

<sup>7</sup> Ex: *Coût/prix/tarif/montant*, signés de la même façon. L’interprète y a associé la labialisation pour les différencier en contexte. L’emprunt induit un sens proche mais non exact, et l’étudiant a la possibilité de suivre ou non sur les lèvres pour comprendre, par exemple, que c’est bien du mot *coût* qu’il s’agit.

<sup>8</sup> Traduzimos os termos mencionados no texto de partida para que os leitores possam situar o domínio a que eles pertencem. Salientamos, porém, que possivelmente há diferenças nas traduções em língua portuguesa visto que é possível encontrarmos mais de uma tradução para um mesmo termo e que eles foram proferidos em contexto específico de interação.